

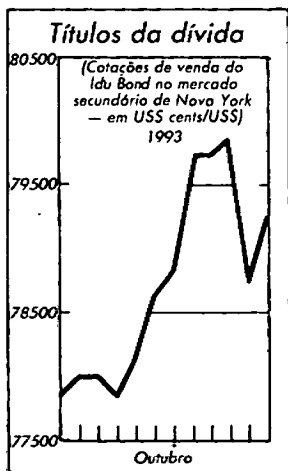
Crise política afeta papéis da dívida externa

por Celso Pinto
de Londres

O preço da dívida brasileira no mercado internacional sofreu um forte impacto com a nova crise política brasileira. O receio de que a crise dificulte a aprovação de um pacote fiscal suficiente para selar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) criou dúvidas sobre o futuro do acordo com os bancos privados.

O principal papel brasileiro, o bônus de juros atrasados (IDU), que havia chegado ao recorde de 80 centavos por dólar na sexta-feira, chegou a trocar de mãos ontem, em Londres, a 77,75 centavos, antes de subir um pouco para 78,50 centavos. Os "bonus de capitalização" ("C bonds"), cotados a 61,50 centavos na sexta, caíram até a 58,50 ontem, antes de voltarem a 60 centavos.

O quadro só não foi pior para o Brasil, segundo fontes da City, porque sobram boas notícias de outros países latino-americanos. A Argentina, por exemplo, anunciou a reconciliação de 85% dos juros atrasados



incluídos em seu acordo com os bancos, o que permitirá a emissão dos bônus respectivos (FRB) no próximo dia 29. Tanto papéis argentinos quanto mexicanos e venezuelanos subiram.

(A recuperação da Bolsa de Valores de São Paulo ontem repercutiu positivamente no mercado secundário de títulos da dívida

em Nova York, escreve Getúlio Bittencourt. O bônus de juros atrasados — IdU Bond — do Brasil ganhou meio ponto e foi a 79,25 centavos por dólar na ponta de venda. Também tiveram altas outros papéis brasileiros, como o ADR da Aracruz, que ganhou um oitavo de dólar e fechou a US\$ 9,125 — ver página 22.)

O Brasil, no entanto, voltou a criar incertezas. "É preciso ser muito corajoso para comprar papéis da dívida brasileira agora", ponderou um banqueiro muito ativo na América Latina. Com o IDU tendo chegado a um preço bastante elevado e o grau de dúvida que envolve o País, aumentou o risco de quem quiser fazer posições com títulos brasileiros.

Os mais céticos já achavam que eram pequenas as chances de o Brasil aprovar um pacote fiscal consistente a tempo de discutir um acordo "stand by" com o FMI antes da data-limite do acordo com os bancos, em final de fevereiro. A crise política aberta com as denúncias de corrupção no Congresso tornou o cenário ainda mais complicado.

A equipe econômica poderá tentar fazer um pacote fiscal à revelia da revisão constitucional. A dívida, lembra um banqueiro, é saber se será o bastante para justificar um acordo com o Fundo. "Aumentar impostos é fácil, mas pode não ser suficiente", raciocina um banqueiro.

Apesar das incertezas no mercado de dívida, contudo, o Banco do Nordeste conseguiu colocar ontem sem grandes problemas US\$ 75 milhões em eurobônus com prazo de três anos, numa emissão liderada pelo CSFB e o Garantia. Os papéis foram colocados rendendo 490 pontos-base de porcentagem acima dos títulos do Tesouro americano de prazo equivalente.

A queda na cotação do IDU tornou este papel ainda mais interessante do ponto de vista do rendimento, em comparação com os eurobônus brasileiros. Com uma vida média de apenas 5,16 anos, o IDU voltou a render mais de 700 pontos-base de porcentagem acima do Tesouro. O Bamerindus lançou,

Crise política afeta papéis da dívida...

por Celso Pinto
de Londres
(Continuação da 1ª página)

segunda-feira, US\$ 100 milhões de eurobônus com prazo de cinco anos pagando 483 pontos-base acima do Tesouro. A diferença de remuneração, diz um banqueiro, mais do que compensa um eventual risco adicional do IDU.

O fato é que o Brasil tem sido bastante ativo no mercado de eurobônus neste ano, sem ter enfrentado maiores problemas, apesar das indefinições econômicas e políticas. Nas contas do economista Peter West, do West Merchant Bank, o Brasil colocou neste ano, até o início deste mês, US\$ 4,883 bilhões apenas em eurobônus, mais do que os US\$ 3,6 bilhões emitidos durante todo o ano passado. Em número de operações, foram 67, comparadas com 53 em 1992.

Em termos absolutos, o Brasil continua atrás apenas do México, que emitiu US\$ 6,945 bilhões no mesmo período. Em termos relativos, contudo, o Brasil perdeu espaço para outros países que aumentaram sua atividade neste ano. No ano passado, o Brasil respondeu por 36% do volume total de emissões latino-americanas de eurobônus. Neste ano, até o início de outubro, sua participação ficou em 27%.

O México manteve sua posição relativa de 39% do volume total. A Argentina avançou de 15 para 18%, a Venezuela, de 9 para 12%, enquanto a Colômbia e o Chile vieram ao mercado pela primeira vez. Como um todo, o mercado de eurobônus latino-americanos subiu de US\$ 10,166 bilhões em todo o ano passado para US\$ 17,964 bilhões neste ano até o início de outubro.

No início do mês, os preços de todos os papéis sofreram uma queda e alguns temeram que poderia ser o início de uma retração, a

exemplo do que ocorreu no último trimestre do ano passado. Uma das razões para a queda, além da realização de lucros depois de oito meses de alta, foi a subida nos juros dos títulos do Tesouro americano de 30 anos acima da marca de 6% ao ano.

O preço do Tesouro, contudo, voltou a cair (estava ontem em 5,79%) e os preços dos papéis latino-americanos recuperaram o impulso anterior de alta, como uma alternativa para investidores internacionais obterem juros mais interessantes.

Esse sentimento geral do mercado certamente ajudou a evitar que os títulos brasileiros sofressem ainda mais com a nova crise política. De todo modo, se o cenário brasileiro se complicar, ampliando as dúvidas sobre o acordo da dívida com os bancos, isso poderá afetar não só os papéis brasileiros mas também o próprio ânimo geral do mercado latino-americano.